

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO

ERIKA DE CÁSSIA SILVA NERES DA PAIXÃO

ORGULHO:
HISTÓRIAS SOBRE O PRECONCEITO DE
GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO BRASIL

SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2018

ERIKA DE CÁSSIA SILVA NERES DA PAIXÃO

**ORGULHO:
HISTÓRIAS SOBRE O PRECONCEITO DE
GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NO BRASIL**

Relatório Final do TCC II (Trabalho de Conclusão de Curso), apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Profa. Dra. Denise Paiero.

**SÃO PAULO
2º SEMESTRE 2018**

ESTE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO NÃO REFLETE A OPINIÃO DA UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE. SEU CONTEÚDO E ABORDAGEM SÃO DE TOTAL RESPONSABILIDADE DE SEU AUTOR.

Link do site que hospeda os programas:

<http://flisowskii.sandbox.msitoproject.com/orgulhopodcast/>

Publicado no dia 22 de novembro de 2018.

DEDICATÓRIA

Esse trabalho é dedicado aos meus pais, Luciane Pereira da Silva e Hélio Neres da Paixão, que nunca deixaram de acreditar em mim e fizeram de tudo para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a todos que acreditaram no meu projeto e me impulsionaram nos momentos em que eu mesma duvidei. A minha orientadora, Denise Paiero, que teve paciência infinita em lidar com as minhas dúvidas e indecisões durante o projeto. Aos meus entrevistados, que gentilmente compartilharam suas histórias de vida, dores e alegrias. Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me ajudar em todos os momentos da minha vida. Aos meus familiares, em especial Emanuelle Pereira e Allan Beckmann, que desde o início me fizeram acreditar que era possível alcançar o sonho de conseguir um diploma universitário e foram essenciais na construção da minha própria identidade racial. A minha namorada, Luana Andrade, que me fez descobrir o amor e acalmou meu coração nos momentos em que mais precisei de afeto. Aos meus amigos, especialmente os que conheci durante a graduação e a todos e todas que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação. Sem vocês, nada disso seria possível. Muito obrigada.

“Quando uma mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela”

Angela Davis

RESUMO

Considerando a história da formação do Brasil e fato de que a nação foi a última a abolir a escravidão nas Américas, é notório que o preconceito de cor está profundamente ligado a nossa maneira de se organizar em sociedade e que isso causa sequelas irreparáveis em negros e negras que crescem sob a sombra do racismo. Junto a isso, há de se considerar o machismo que sobrecarrega a trajetória das mulheres e as opressões que jogam gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais às margens da sociedade. É neste cenário de desrespeito às individualidades que este trabalho se constrói e propõe-se, por meio de narrativas, relatar de maneira sensível e empática as histórias daqueles que sobrevivem diariamente nessa intersecção de gênero, raça e sexualidade. Com a produção de uma série de podcast de storytelling, feita a partir de entrevistas dos personagens escolhidos como fonte, pretende-se abordar as implicações que essas discriminações exercem sobre a vida de sujeitos que a carregam. A série será composta por quatro episódios e estará hospedada dentro de um site de livre acesso na internet, onde poderá alcançar o maior número possível de pessoas.

Palavras-chave: Racismo, LGBT, jornalismo, podcast.

ABSTRACT

Considering the history of the formation of Brazil and the fact that the nation was the last to abolish slavery in the Americas, it is well known that color prejudice is deeply linked to our organization as a society and that this causes irreparable sequels in black men and black women who grow up under the shadow of racism. Along with this, one must consider the male chauvinism that overloads the trajectory of women and the oppressions that push gays, lesbians, bisexuals, travestis and transsexuals to the margins of society. It is in this scenario of disrespect to the individualities that this work is constructed and it proposes, through narratives, to report in a sensitive and empathetic way the stories of those who survive daily in this intersection of gender, race and sexuality. With the production of a series of storytelling podcasts, made from interviews of the characters chosen as source, the objective is to address the implications that these discriminations cause on the life of subjects who carry it. The series will be made up of four episodes and will be hosted within a free web site where it is expected to reach as many people as possible.

Keywords: Racism, LGBT, journalism, podcast.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Racismo no Brasil	13
2.2 LGBTfobia?	14
2.3 Podcast e novas narrativas digitais	16
3. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	18
3.1 Pré-produção	18
3.2 Produção	19
3.3 Finalização	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	23
6. APÊNDICE	26

1. Introdução

A presente pesquisa embasa uma série de *podcast* que está hospedada em *site* intitulado *Orgulho: histórias sobre preconceito de gênero, raça e sexualidade no Brasil*, abordando o cotidiano de pessoas negras e LGBTQs para entender como a múltipla carga de opressões atua em suas vidas, a partir de lugares de fala específicos. A proposta do conteúdo é desmistificar preconceitos e romper com visões sobre o assunto baseadas no senso comum, no machismo e no racismo.

A gênese da discussão sobre diferentes estigmas atuando conjuntamente num indivíduo é a *interseccionalidade*. A origem do conceito nasce com o feminismo negro americano durante a década de 1970, embora outros teóricos reconheçam que desde o século XIX já se falasse sobre o assunto nos Estados Unidos. (MARCELINO, 2017). Ainda assim, o termo ganhou popularidade na voz da advogada e estudiosa norte-americana Kimberlé Crenshaw, em sua pesquisa sobre as violências que mulheres negras e pobres enfrentavam nos Estados Unidos.

Nas palavras de Crenshaw, a interseccionalidade “busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação” (2002). A teoria surge para analisar como categorias sociais, culturais e biológicas agem sobre um indivíduo de maneira simultânea, em diferentes níveis. Partindo do pressuposto de que homens e mulheres não vivenciam o mundo da mesma maneira, segundo a estudiosa:

(...) a teoria trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (CRENSHAW, 2002 p. 177).

Ampliando ainda mais o espectro, traz-se a discussão para o campo LGBTQ+: racismo, sexismo, homofobia, lesbofobia, bifobia e transfobia são intolerâncias que não agem de forma independente, mas sim se relacionam e criam um sistema de opressão cruzada das discriminações. A urgência do debate sobre questões de sexualidade e gênero vêm acompanhada de números nada agradáveis: segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB)¹, em 2016 foram registradas 343 mortes de LGBTQs pelo Brasil todo, número que indica que a cada 27 horas um homossexual é

¹ Grupo Gay da Bahia é uma organização não governamental que atua na defesa dos direitos de homossexuais no Brasil desde a década de 1980.

assassinado no país, sendo este o lugar em que mais se mata essa população no mundo.

Os números poderiam ser ainda maiores não fossem os altos índices de subnotificação desses casos. Ainda segundo o GGB, não existem estatísticas governamentais sobre os crimes de ódio contra a população LGBT+ e seu *site* é o único do Brasil que regularmente faz esse levantamento. As pesquisas feitas por eles se baseiam nas poucas notícias de assassinato que saem na mídia, ou ainda, por informações cedidas por outras ONGs de acolhimento LGBT+ e por pessoas que conhecem o trabalho combativo do grupo. No relatório de assassinato de homossexuais no Brasil, feito pelo GGB em 2013, consta que policiais e delegados têm descartado cada vez mais a presença de LGBTfobia nestes crimes, sem contar na alta taxa de impunidade aos agressores e homicidas: ao menos em 67% dos casos não há informações sobre a captura dos criminosos, reforçando a ideia de que os crimes de ódio contra LGBTs estão sendo institucionalizados e pouco investigados.

A partir desta visão correlacionada de marginalização, a pergunta-problema que se constrói é: como um *podcast* pode ajudar a romper com o preconceito em torno da sexualidade e identidade de pessoas negras e LGBTs? A intenção do projeto a seguir é compreender, por meio de entrevistas e pesquisas, as principais particularidades da luta de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que também precisam lidar com o racismo.

A escolha de abordar o tema dentro de um *podcast* nasce, justamente, da falta de material sobre o assunto no Brasil, aliada também da necessidade de promover uma discussão rica acerca do tema, tendo a possibilidade de demorar mais o olhar sobre o assunto com um livro, dando novas perspectivas ao leitor sobre as histórias de vida que serão contadas e despertando a compreensão de que falar de sexualidade no Brasil sempre foi um problema. É imperativo fomentar a discussão e não naturalizar discursos de ódio contra a população negra e LGBT+.

A busca pela humanização da trajetória de negros LGBTs é o principal *modus operandi* deste trabalho, que nasce da necessidade de jogar luz em histórias de pessoas historicamente marginalizadas. A ideia deste *podcast*, juntamente com o *site* onde ele ficará hospedado, é aproximar o olhar e lançar mão de recursos narrativos como *storytelling* para conduzir as histórias de cada personagem de um

jeito único e correlacionado. Segundo Cremilda Medina, teórica que embasa a linguagem humanizada ao qual este trabalho jornalístico se propôs, “a magia de qualquer estória transposta para uma peça jornalística ressalta a emoção” (2008, p. 82). A intenção dos episódios da série de *podcast* é justamente essa, despertar emoção para gerar empatia, através da atmosfera narrativa que construí respeitando as entrelinhas do diálogo, os silêncios e o ritmo de cada personagem que cedeu sua voz para a construção deste produto (MEDINA, 2008), levando em consideração as inúmeras possibilidades que existem hoje na produção de um conteúdo radiofônico exclusivo para as mídias digitais.

A escolha de fazer um trabalho no formato de *podcast* para a internet foi motivada pela vontade de trabalhar com uma mídia ainda pouco explorada pela imprensa brasileira, mas que tem tudo a ver com as novas formas de contar histórias na contemporaneidade. Segundo Eduardo Vicente e Daniel Gambaro (2013, p. 71), o computador e outros equipamentos digitais possibilitaram o barateamento dos custos de produção de um programa, somado ao acesso a efeitos, músicas e outras ferramentas disponibilizados na internet que ajudaram a mudar as coisas, no sentido de que hoje é mais fácil produzir e divulgar programas de forma independente usando um computador com acesso à internet, e conseqüentemente, aumentar o alcance da mensagem que se quer transmitir com esse conteúdo.

2. Referencial teórico

2.1 Racismo no Brasil

A escravidão negra começa no século XV motivada pelos portugueses durante o período de exploração do território africano e colonização das Américas. Ainda que esse modelo de escravidão moderno fosse puramente baseado em fatores raciais, é só a partir do século XIX que nascem teorias com respaldo científico para cristalizar a ideia de superioridade de povos brancos e inferioridade de povos não-brancos. É neste momento que o termo “raça” deixa de ter um sentido unicamente biológico para também ganhar um sentido social, pois o desenvolvimento político e econômico das civilizações européias à época era explicado pela sua hereditariedade, admitindo que os povos brancos do norte eram evoluídos e que povos de climas tropicais seriam incapazes de seguir essa evolução política, social e econômica. (RANGEL, 2015).

Neste contexto, o racismo nasce como ideologia e forma de dominação de um povo sobre outro. Segundo Gislene Santos (2007, p. 21), a partir das diferenças existentes entre os povos, a humanidade foi dividida em grupos raciais e criou-se hierarquias entre eles, com diferentes valores atribuídos para cada um. De acordo com a autora:

O racismo é a justificação teórica criada para dar fundamento à ação política de discriminação, segregação, exclusão e eliminação baseada na ideia de que existem raças humanas com características determinadas e imutáveis, atribuídas a todos os indivíduos pertencentes a certos grupos e transmitidas hereditariamente. (SANTOS, 2007, p. 22)

Mesmo com a ciência comprovando posteriormente que a ideia de “raça” é um mito, sendo impossível dividir a humanidade desta forma, o racismo perdura por se tratar de uma ideologia de dominação e os reflexos deste histórico de subalternidade da população negra na sociedade são sentidos até hoje. Não é raro encontrar quem continue a acreditar que negros nascem com características próprias como alegria, sensualidade, menor inteligência, mais força, mais agressividade, etc (SANTOS, 2007).

Por estes motivos, pessoas negras passam por processos dolorosos para se reconhecer e aceitar suas identidades num país racista. Segundo Neusa Santos

Souza (2007), não se nasce negro no Brasil: torna-se. É só na construção deste processo identitário que pessoas negras encontram seu rosto próprio e deixam de forjar uma caricatura do branco para si. E durante essas descobertas, o corpo negro se destaca como principal “veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação” (GOMES, 2006), uma vez que a palavra negro está historicamente relacionada a um estigma e sempre é usada para ridicularizar, humilhar e afirmar a posição de inferioridade a quem ela é atribuída.

Aliado às questões de raça e dificuldades que pessoas negras encontram de se reconhecer e se orgulhar de sua negritude, existem também opressões relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero. Quando indivíduos negros se percebem como lésbicas, gays, bissexuais e/ou transexuais um novo espectro de intolerância e violência se faz presente, pois qualquer padrão desviante da norma heterossexual e cisgênera é entendido como inferior e anormal pela sociedade.

2.2 LGBTfobia?

Antes de compreender as relações entre racismo e LGBTfobia, é necessário fazer uma distinção entre orientação sexual, identidade de gênero e especificar o que algumas das siglas do universo LGBTQ+ significa dentro do entendimento contemporâneo do assunto, uma vez que a história de lutas desse grupo político é marcada por hostilidade, invisibilidade e falta de compreensão sobre as demandas únicas de cada um.

Segundo Jaqueline de Jesus, identidade de gênero é diferente de orientação sexual. Ambos os aspectos podem se comunicar, mas um não depende ou decorre do outro. Esta distinção é importante para demarcar que a discussão sobre lésbicas, gays e bissexuais precisa ser feita no campo da afetividade e sexualidade, enquanto que a discussão sobre travestis e transexuais deve ser conduzida pelo campo do gênero e da identidade, ou pela forma como cada indivíduo se enxerga e se projeta para o mundo. Assim sendo, a teórica explica que:

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. O

mesmo se pode dizer da identidade de gênero: não corresponde à realidade pensar que toda pessoa é naturalmente cisgênero. (JESUS, 2012 p. 12)

Ainda segundo Jesus (2012, p.10), no que tange a linguagem e classificação, é possível dizer que todas as pessoas podem ser enquadradas num perfil de gênero e num perfil de sexualidade, sempre levando em conta as limitações e falhas que toda classificação podem ter. Neste sentido, a palavra “cisgênero” é usada para falar de pessoas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento e “heterossexual” é a pessoa que sente pulsão sexual por pessoas do gênero oposto ao seu. Se a atração sexual é direcionada a pessoas do mesmo sexo, tem-se a “homossexualidade” e ainda a “bissexualidade” para aqueles que se relacionam com pessoas de ambos os sexos (BORRILLO, 2010).

A questão é que a sociedade sempre legitimou a existência *cis* e *hétero* como padrões a serem seguidos, sem respeitar a diversidade de pessoas que não se enquadram nessa norma tida como padrão. Na teoria de Daniel Borrillo (2010, p. 16), este padrão existe para “ordenar um regime das sexualidades em que os comportamentos heterossexuais são os únicos que merecem a qualificação de modelo social e de referência para qualquer outra sexualidade”.

De acordo com sua visão, a *LGBTfobia* acabou se tornando a “guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino)”, delimitando qual é o papel exato de homens e mulheres na sociedade. É por isso qualquer pessoa atuando numa forma desviante desse modelo é vítima de violência, seja ela LGBT+ ou não, como no caso de mulheres heterossexuais com personalidade forte ou homens heterossexuais que transparecem grande sensibilidade.

E dentro da complexidade da questão, existem termos específicos de cada grupo. Neste trabalho, utiliza-se o termo *LGBTfobia* na intenção de representar todo o conjunto de opressões, mas nas palavras Borrillo, quando vistos de forma individual, eles são entendidos como:

(...) "gayfobia"; para a homofobia em relação aos homossexuais masculinos; "lesbofobia", no caso de mulheres homossexuais, vítimas do menosprezo em decorrência de sua orientação sexual; "bifobia", ao se tratar de bissexuais; ou, ainda, "travestifobia" e "transfobia"; em relação aos travestis ou aos transexuais que sofrem tal hostilidade. (BORRILLO, 2010 p.23)

Uma vez entendida a forma como são tratadas as problemáticas negras e LGBT+, pode-se fazer um entrecruzamento das narrativas e identidades de pessoas que estão dentro destes dois pólos. Como apontado por Sandra Marcelino (2007, p. 115), existe uma dificuldade de inserção por parte de mulheres negras e lésbicas, por exemplo, dentro de movimentos identitários. A mesma ideia pode ser expandida para as outras siglas, adicionando ainda processos de vulnerabilização inerentes a cada um. Como aponta Nilton Luz (2012, p. 5 apud JUNQUEIRA, 2009), “se a raça é sexualizada, a sexualidade é generificada e o gênero é racializado, então as identidades são constituídas entre entrecruzamentos, imbricamentos e pluralidades”, tornando difícil a ascensão social destes grupos e fazendo as hierarquias de poder ainda mais eficientes.

2.3 Podcast e novas narrativas digitais

A escolha de criar um produto de áudio para a internet foi motivada pela liberdade e alcance que as mídias digitais proporcionam. Não existem restrições na hora de criar um conteúdo sonoro para a internet e a facilidade de *gadgets* existentes hoje trouxe mais mobilidade ao usuário, que pode ter acesso a todo o conteúdo onde, quando e como quiser. Segundo Macello de Medeiros, outra vantagem expressiva que as novas mídias têm está na “descentralização na obtenção das informações pelos usuários” (2005, p.4) e no alto poder de viralização que um conteúdo tem quando cai na rede digital:

(...) a produção de conteúdo das novas mídias transferiu para o usuário a possibilidade de escolha, que não era possível nas antigas mídias. O “poder” na mão do usuário foi propiciado principalmente pelas ferramentas interativas disponibilizadas na Internet. Podemos, agora, agir de forma interativa e imediata, sendo também emissores no processo (MEDEIROS, 2005, p. 4)

Essa democratização do consumo de informações e conteúdos que a internet oferece aumenta a capacidade do alcance da mensagem que se quer transmitir enquanto produtor de conteúdo e as ferramentas interativas do ciberespaço propiciam ainda uma imersão dos usuários, algo fundamental para construir qualquer narrativa. Ainda segundo MEDEIROS (2005, p. 5), “através das

ferramentas de interatividade os usuários assumem os papéis diferenciados (...) que permitem criar relações sociais na rede”, gerando também uma relação de fidelidade entre aqueles que produzem o conteúdo e aqueles que o consomem.

A ideia de contar uma história dentro do contexto digital está diretamente relacionada com os avanços tecnológicos do nosso tempo e com o aprimoramento da comunicação ao longo da história. De acordo com Raquel Alves, a partir do momento em que a linguagem se constituiu como um componente primordial, a “arte narrativa é perpetuada pelos indivíduos com o auxílio das ferramentas a sua disposição no contexto vivido”, sejam os pedaços de rocha que eram usados para escrever em cavernas no passado até as telas de TV, cinema e mais recentemente, o computador. É neste contexto que nasce o *digital storytelling*, ancorado no tempo da contemporaneidade, onde:

(...) as ferramentas digitais oferecem um amplo horizonte para exercerem sua criatividade e expressão na produção e difusão de suas histórias, garantindo-lhes o alcance de um público cada vez maior e heterogêneo, principalmente com o advento das redes sociais. (ALVES, 2012 p. 14)

Com base neste conceito, a autora propõe ainda que o *digital storytelling* abrange diferentes formas de ser e pode contar com uma vasta gama de softwares. Na visão de ALVES, “uma história digital pode também apresentar uma narração ou música de fundo, assim como combinar imagens, áudio e vídeo para contar algo”. No caso deste projeto, o recorte específico é na contação de histórias por meio de um *podcast* com recursos variados, como voz dos entrevistados, trilhas sonoras de plano de fundo, vinheta de abertura e encerramento, voz do narrador e trechos de áudios de momentos históricos que possam se relacionar com a história narrada.

3. Desenvolvimento da peça final

3.1 Pré-produção

O produto final é uma série de *podcast* no formato de *storytelling*, que está hospedada em um *site* simples, com algumas informações extras sobre os personagens. O *podcast* foi produzido tendo como base as histórias de quatro personagens negros, que também representam as quatro siglas LGBT. Em cada episódio, a vida de um personagem é explorada em suas belezas, dores e contradições, com detalhes e especificidades da luta de cada um deles. Cada entrevistado cedeu gentilmente detalhes de sua vida, que apesar de singulares, podem ajudar a explicar um todo complexo de desigualdade racial, discriminação sexual e de gênero no Brasil. A proposta é entender que, para além de serem pessoas negras e socialmente marginalizadas, cada uma delas têm seu próprio universo particular, repleto de sonhos, anseios e subjetividade.

O formato de narrativa *storytelling* no qual este projeto foi pensado têm como inspiração o programa brasileiro de *podcast* chamado *Projeto Humanos - Histórias Reais Sobre Pessoas Reais*, idealizado pelo *podcaster* curitibano Ivan Mizanzuk. O programa existe desde 2015, dividido em temporadas com eixos temáticos diferentes, sempre com a intenção de contar histórias da forma mais imersiva possível, onde os ouvintes podem estabelecer uma conexão com a narrativa que lhes é apresentada. Tal formato se popularizou nos Estados Unidos com programas de *podcasts* pioneiros como o *This American Life*², *Serial*³ e *Radiolab*⁴. No Brasil, o *Projeto Humanos* é também um dos primeiros e tais iniciativas se aproximam muito da ideia de construir um jornalismo narrativo (ou ainda, jornalismo literário) no formato de áudio com veiculação pela internet. Durante a pré-produção deste trabalho, eu tive a honra e o prazer de participar de um curso online ministrado pelo Ivan, chamado *Storytelling: conte boas histórias*. Foi, definitivamente, a coisa mais inspiradora e importante que consumi no processo de produção deste trabalho. O

² *This American Life* é um programa de rádio e *podcast* estadunidense produzido em parceria com a Chicago Public Media e organizado pelo host Ira Glass. O programa está no ar desde 1995 tem mais de 2.2 bilhões de ouvintes por semana.

³ *Serial* é uma série de *podcast* dos mesmos criadores de *This American Life* focada em jornalismo investigativo. A primeira e mais emblemática temporada é comandada pela jornalista Sarah Koenig e está focada na investigação do assassinato da jovem norte-americana Hae Min Lee em 1999.

⁴ *Radiolab* é um programa criado em 2002 por Jad Abumrad e apresentado por ele e Robert Krulwich com o intuito de explicar temas complexos dentro da ciência e filosofia de maneira simples.

curso me ajudou a pensar num norte narrativo para as histórias e também a desmistificar uma série de coisas sobre o processo criativo e de produção de conteúdos neste formato. Espero, de algum modo, ter representado bem com o meu produto, tudo aquilo que aprendi neste processo de imersão no universo das novas narrativas digitais.

Além desta aula, eu também fiz o curso online Professional Podcast Production⁵, no *site udemy.com*, que me ensinou conceitos básicos para começar a editar e publicar um *podcast* nas redes. Antes do curso, eu tinha pouca experiência com edição de áudio e acredito que isso fez a diferença na qualidade do material apresentado, com dicas valiosas que vão das ferramentas mais importantes no editor de áudio até formas de encontrar as melhores trilhas sonoras livres para o programa.

3.2 Produção

Durante a pré-produção, pesquisei alguns nomes de possíveis entrevistados e para a peça final, cheguei aos seguintes personagens: Dara Ribeiro, mulher lésbica, mãe e empreendedora, Gabriel Silva, jovem gay da zona leste de São Paulo graduado em Turismo, Jéssica Gomes, bissexual, jornalista e militante da periferia da zona sul de São Paulo e Erika Hilton, travesti, deputada estadual, militante e estudante de gerontologia no interior do estado de São Paulo. Todas as entrevistas do projeto foram feitas de modo presencial, no estúdio de rádio da universidade e desde o primeiro momento a minha intenção não era dar voz a especialistas ou qualquer outra palavra de autoridade nos temas racismo, gênero e sexualidade, de modo que o produto final conta só com quatro entrevistados. Mas nos bastidores de produção, eu conversei com outras fontes para aprender a lapidar essas quatro histórias que eu tinha na mão, além de ter decidido não gravar áudios externos para construir a narrativa - a princípio, a minha ideia era cobrir alguns eventos importantes dentro do calendário LGBTQ+ da cidade de São Paulo, como a Parada do Orgulho LGBTQ e a Caminhada das Mulheres Lésbicas e Bissexuais. Eu estive presente nos eventos, mas o material que coletei não tinha qualidade de gravação o suficiente para ser aproveitado no projeto.

⁵ Disponível em: <https://www.udemy.com/professional-podcast-production/>. Acesso em 21 nov. 2018.

A forma como essas histórias serão amarradas no programa de áudio se pauta no que Cremilda Medina entende como o diálogo possível entre o jornalista e entrevistado na hora da entrevista: a “humanização do contato interativo” (2008, p. 7). A teórica defende que o jornalismo ganha um viés mais humanizado quando entrevistado e entrevistador saem alterados do encontro, e que tal intimidade revelada leva tanto a quem produz quanto a quem consome o produto, uma profunda autocompreensão ou compreensão do mundo. A ideia do *site*, juntamente com os programas é justamente essa: revelar dimensões humanas de pessoas que não tem espaço na mídia tradicional para se manifestar, sempre tratando com respeito e importância cada uma das narrativas.

O *site* não buscou apresentar visões imparciais do que é viver num corpo negro e LGBT+. Existe um viés político claro dentro de todos os componentes que definem o produto final, e de forma alguma a intenção é se desviar do caráter combativo e militante que por ventura o conteúdo possa ter. Neste sentido é possível dizer que o *site* poderá servir, dentro do espaço que lhe é possível, para dar voz àqueles que não tem voz.

No que tange os aspectos gráficos e visuais, o *site* tem uma página inicial onde é possível ver uma foto destacada de cada entrevistado, com o nome do episódio do lado direito da tela. Organizei as entrevistas seguindo a ordem dos entrevistados a partir da sigla LGBT, escolhi começar pela peça de Dara Ribeiro, seguida da de Gabriel Silva, depois Jéssica Gomes e por fim, Erika Hilton. Clicando na imagem correspondente a cada personagem, o *site* direciona para um espaço onde há o programa e um texto introdutório sobre a pessoa citada na entrevista, além de fotografias de apoio.

3.3 Finalização

A duração aproximada de cada episódio da série é de 20 minutos, um tempo que pode ser considerado curto para a produção de *podcasts* neste formato, mas que tentará exprimir o melhor de cada contexto com as ferramentas de áudio que lhe são possíveis. A tarefa mais desafiadora desta etapa é restringir trajetórias tão complexas em poucos minutos de programa. Mas busquei, com a minha edição, expressar quem são e de onde vieram cada personagem, explorando suas contradições e os unindo em suas similaridades para chegar a um produto coeso. O

roteiro das histórias foi integralmente desenvolvido por mim e as trilhas sonoras são livres e sem letras, todas obtidas dentro do Youtube Audio Library⁶, com execução do episódio Visi-BI-lidade, onde também utilizei as músicas My New Gun e No Make Up Tips da banda brasileira de hardcore feminista chamada Dominatrix. Todas elas foram usadas para intensificar momentos de dor ou alegria demonstrados nas falas dos personagens. Também foram usados trechos de narrações feitas por mim, que conduzo as histórias integralmente. A edição também ficou sob o meu comando, mas contei com a ajuda do programador Felipe Lisowski na criação do *site* e com o suporte da fotografa Luana Andrade, que registrou as imagens do personagem Gabriel Silva e ajudou no tratamento das fotos dos outros personagens. Sem a ajuda destas figuras o projeto não seria possível.

4. Considerações finais

O que mais me surpreendeu durante o processo de produção e finalização do produto foi perceber que cada narrativa é um exemplo *micro* do que acontece no *macro* - elas representam feridas abertas na história recente do Brasil, que não oferece suporte e empurra compulsoriamente jovens negros e LGBTQs para a marginalidade. Há nestas histórias o reconhecimento de que a luta por sobrevivência e respeito numa sociedade majoritariamente racista, machista e homofóbica está longe de acabar, mas também há esperança de que juntos conseguimos criar espaços de existência e impor nossa sobrevivência em ambientes que falharam em nos eliminar. Retomando à pergunta-problema sugerida no começo deste relatório, que questiona como um *podcast* pode ajudar a romper com o preconceito em torno da sexualidade e identidade de pessoas negras e LGBTQs, concluo que é abrindo espaços para dar visibilidade àquilo que essas pessoas têm a dizer e assumindo um lado na construção dessas narrativas.

O projeto ganhou um tom combativo e militante do qual me orgulho, pois acredito que é com a luta que construímos novos conceitos. O referencial usado como base para compreender as dissidências que são tratadas aqui foi de grande valia, especialmente porque parte dele foi escrito por pessoas que admiro, respeito e algumas delas, vivenciam parte das dores citadas pelos entrevistados por também carregarem dissidências em seus corpos. O mesmo vale para o conteúdo técnico

⁶ "Audio Library - YouTube." <https://www.youtube.com/audiolibrary/music>. Acesso em 21 nov. 2018.

que aprofundei durante o trabalho, onde pude desenvolver competências na edição de áudio e fotografia ao lado de pessoas que acompanho frequentemente.

Dado o cenário em que vivemos, penso que esse trabalho pode servir para explicar a quais riscos minorias sociais estão expostas para aqueles que nunca tiveram o menor contato com as discussões sobre gênero, raça e sexualidade. Existe um fio de empatia que conecta todas elas e que é capaz de transpor as barreiras do áudio e falar com o coração do ouvinte. E o caráter difuso que o trabalho assume por estar vinculado na internet pode colaborar para levar essas questões a novos públicos, criando pontes com pessoas que talvez mudem suas visões sobre o assunto e tomem consciência sobre a luta por reconhecimento e respeito que existe por parte da população negra e LGBT que atua no Brasil, além de ampliar o espaço para o *podcast*, uma mídia que está em crescente expansão. Acredito que o resultado final aqui apresentado tem alguma potencialidade e pode ser um caminho possível para trazer mais histórias à tona e revelar outros jeitos de produzir jornalismo no país.

5. Referências bibliográficas

ALVES, Raquel Haua. **Storytelling e Mídias Digitais: Uma análise da contação de histórias na era digital**. Revista Hipertexto, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.13-36, jun. 2012. Publicação eletrônica do Laboratório de Pesquisa em Tecnologias da Informação e da Comunicação, da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – LATEC/UFRJ. Disponível em: <www.latec.ufrj.br>. Acesso em: 03 nov. 2017

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: História e Crítica de um Preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. 141 p. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, University Of California - Los Angeles, v. 10, n. 1, p.171-188, jan 2002. Artigo traduzido por Liane Schneider e revisado por Luiza Bairos e Claudia de Lima Costa para publicação da UFSC.

DE SOUZA MARCELINO, Sandra Regina. ENTRE O RACISMO E A LESBOFOBIA: RELATOS DE ATIVISTAS NEGRAS LÉSBICAS DO RIO DE JANEIRO. **ENCRESPANDO Seminário Internacional**, [S.l.], v. 1, n. 1, june 2017. Disponível em: <<http://www.jur.puc-rio.br/encrespando/index.php/files/article/view/2>>. Acesso em: 17 set. 2017.

DETONI, Márcia; PIOVESAN, Angelo (Org.). **Rádio Cidadã: Um Guia Para a Ação**. São Paulo: Edicon, 2013. 176 p.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007. 416 p.

GRUPO GAY DA BAHIA (Bahia). **Assassinatos de Homossexuais (LGBT) no Brasil: Relatório 2013/2014**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2013. Disponível em:

<<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2014/03/relatc3b3rio-homicidios-2013.pdf>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

GRUPO GAY DA BAHIA (Bahia). **Assassinatos de LGBT no Brasil**. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2016. Disponível em: <<https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2017.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações Sobre Identidade de Gênero - Conceitos e Termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. 2. ed. Brasília: Publicação online, sem tiragem impressa., 2012. 42 p. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/ORIENTAÇÕES_POPULAÇÃO_TRANS.pdf?1334065989>. Acesso em: 04 nov. 2017.

LUZ, Nilton. 6., 2012, Salvador. **PLURIIDENTIDADES: CRISES DE REPRESENTAÇÃO NO MOVIMENTO LGBT**. Salvador: Anais do Congresso Internacional de Estudos Sobre A Diversidade Sexual e de Gênero da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, 2012. 13 p. Disponível em: <http://abeh.org.br/arquivos_anais/R/R028.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2017.

MEDEIROS, Macello Santos de. **Podcasting: Produção Descentralizada de Conteúdo Sonoro**. In: V ENCONTRO DOS NÓCLEOS DE PESQUISA DA INTERCOM, 5., 2005, Rio de Janeiro. Congresso. Rio de Janeiro: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Uerj, 2005. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/84071885084469832222151638470992010359.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2017

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. 96 p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008. 96 p.


MIZANZUK, Ivan. **Projeto Humanos: Histórias Reais Sobre Pessoas Reais**. 2015. Podcast de storytelling com produção do AntiCast. Disponível em: <<https://www.projetohumanos.com.br/>>. Acesso em: 03 nov. 2017.

RANGEL, Pollyanna Soares. **Apenas uma questão de cor? As teorias raciais dos séculos XIX e XX**. Revista Simbiótica, Vitória, v. 2, n. 1, p.12-21, jun. 2015.


SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Percepções da Diferença**. São Paulo: Ministério da Educação, 2007. (Percepções da Diferença: Negros e Brancos na Escola).

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 2. ed. Rio de Janeiro: Graau, 1983. 88 p.

5. Apêndice



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS




AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Erick Santos Salvo, portador do RG N° 49343832-4 e CPF N° 397.564.938-01, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

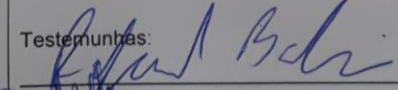
São Paulo, 20 de novembro de 2018.




 Cedente

 Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:





CCL – Centro de Comunicação e Letras
Rua Piauí, 143 – 2 andar – CEP: 01241-001 – Higienópolis – São Paulo – SP
ccl@mackenzie.br – www.mackenzie.br – Fones: 2114-8320 / 8111 / 8736



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Gabriel Luiz da Silva, portador do
RG Nº 43.793.749-3 e CPF Nº 383.479.328-82,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a
Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização –
sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em
programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação,
sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 07 de novembro de 2018.

Gabriel Luiz da Silva
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:
[Assinatura]
[Assinatura]

AUTORIZAÇÃO DE CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Dana Baía Ribeiro dos Santos, portador do
 RG nº 29531133-2 e CPF nº 282629508-01

autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 22 de Agosto de 2018.

Dana Baía Ribeiro dos Santos
 Cedente

 Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Rafael Galvão
[Assinatura]



UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
CURSO DE JORNALISMO – TCC (2º S 2017)
ANEXOS



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, JESSICA DA COSTA JONES, portador do
RG N° 36725.564-9 e CPF N° 233353798-10,
autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos
patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a
Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização –
sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em
programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação,
sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual
assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente,
juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 15 de NOVEMBRO de 2018.

Jessica da Costa Jones
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

[Assinatura]

[Assinatura]
